

# Uma leitura não crítica de *caderneta de lembranças*, de a. m. pires cabral, Tinta da China, 2022

Paulo Sucena

**1.** Rainer Maria Rilke, nas “Cartas a um Jovem Poeta”, escreveu, numa delas, «As obras de arte são de uma infinita solidão, e a nada menos acessíveis do que à crítica. Só o amor as apreende, as prender e lhes pode fazer justiça».

*caderneta de lembranças* é uma obra de arte que, porventura por ser escrita por um poeta octogenário, reforçou o amor com que a li. Estamos perante uma poesia plena de frescura, de liberdade e de intransigente questionamento do mais simples ao mais complexo, imbuído frequentemente de uma fina ironia, por vezes de um humor ligeiramente corrosivo, mas onde o sarcasmo está ausente.

Pires Cabral é um poeta da palavra cujo silêncio desvela com grande proficiência, mas é também um poeta de Trás-os-Montes, ou melhor, da natureza, da fauna, da flora e do património que o rodeia, mas como diria Torga, por outras palavras, é um espírito aberto ao mundo e à complexidade da vida. É justo que assinalo, desde já, que Pires Cabral revela grande mestria ao tornar poesia palavras do quotidiano mais comum, como alguém disse algures.

Como a instância produtora do discurso não é estreme, antes está eivada de matérias de várias naturezas, desde a psicológica até às que acima referi, no caso de Pires Cabral, convirá assinalar *ab initio* que tudo que se refere a Trás-os-Montes está incrustado na enunciação e no enunciado deste belíssimo livro sem um resquício de bucolismo, como José Manuel Mendes assinalou. Mais uma razão para o lermos com amor e não com fastio.

Em síntese, acrescentaria que *caderneta de lembranças* tematiza fundamentalmente questões tão essenciais como a inexorável passagem do tempo, a vida e a morte, o sagrado, ou, se preferirem, o modo de alcançar ou não Deus (pela razão ou pelo coração?) e ainda questões de poética.

**2.** *caderneta de lembranças* é constituído por cinco partes: “Regresso a Alpha Centauri”; “Pedra, Madeira e Outros Metais”; “Bestiário com B pequeno”; “Diálogo Apologais”; “Com um Demónio Dentro”.

Se me permitem, vou debruçar-me de um modo mais exaustivo sobre a primeira parte do livro do que sobre as seguintes, porque ela contém muito do que de mais importante *caderneta de lembranças* encerra e logo a qualidade da linguagem desponta de um modo despojado mas inequívoco, em que realço as magníficas epifanias, em termos joycianos, que continuarão a surgir pelo livro fora em que aspectos fragmentários, fugidias apreensões ou inusitados aspectos do foro psicológico cativam o leitor através da proficiente linguagem de Pires Cabral.

Volvamos então a atenção para os três segmentos que compõem a primeira parte de *caderneta de lembranças*. No primeiro poema, “A UM COMPRIMIDO HYTACAND” (que título tão longe da poesia, mas que nela tão bem mergulha!) que «mete na ordem por vinte e quatro horas / essa coisa hostil que é a hipertensão», o sujeito poético assume implicitamente o desejo de continuar a viver e a desfrutar as peripécias da vida, com a consciência de que a vida é uma luta permanente e nesse sentido o poeta assume-se como o alcaide «dum velho castelo», lugar de resistência e sem desfalecimentos. Assim diz o poeta: «eu não fui feito para me render».

O poema “CLARÃO” diz-nos que estamos perante alguém que é um cantor da luz, da madrugada, do dia e não de um poeta das trevas, do crepúsculo, da noite.

O poema “APOLOGIA DO PERDÃO” preludia outros em que o sujeito poético se dispõe a esquecer perfídias, imposturas, etc. e manifesta a vontade de morrer em paz, dono de uma alma géneros e tolerante.

Para Pires Cabral, em “OS BONS VIZINHOS”, a vida é algo que caminha para o nada ou, se preferirem palavras do poeta, os que deixámos cá «vão-se habituando à nossa ausência / - tal como nós nos esquecemos deles / porque fomos esbulhados da memória». Mas entre a vida e a morte, algo de muito importante impulsiona o poema, provindo porventura de um sopro divino de um deus neurasténico em momentos de enfado.

Isto diz Pires Cabral no poema que dá o título à primeira parte do livro, acrescentando que aquilo que o move é regressar a Alpha Centauri para se poder ver livre do intranquilo rio da vida onde ora mata a sede, ora se lava, mas onde por vezes morre afogado.

Momentos há, porém, na vida, que o poema “SILÊNCIO” traduz, em que tudo o que o poeta deseja é o silêncio e o seu bálsamo, mas nunca o silêncio decretado por uma autoridade (divina que seja), mas sim

O silêncio que ambiciono há-de ser  
sereno como nuvens e ervas bravas  
e águas em repouso e asas imóveis  
de borboletas.

Há-de ser como o doce cansaço  
que, depois que o vento tem passado,  
fica a cintilar sobre as coisas  
que o vento alvoroçou.

O silêncio é assim, ao mesmo tempo, um bálsamo e um agente produtor de poesia, um libertador da palavra e do seu próprio ruído. Como alguém escreveu, “o poeta serve-se da palavra não para a subjugar, nem mesmo para lhe desvelar um sentido oculto, mas lhe libertar o silêncio aprisionado antes de a libertar a ela própria” (Elie Wiesel). E Pires Cabral fê-lo com inegável mestria.

Temos uma janela aberta para a leitura do poema final da primeira das cinco partes de *caderneta de lembranças*. Na verdade, “A GRANDE ESFERA FINAL” fala-nos da vida que se vai consumindo num inexorável caminho para a morte (apesar da metáfora do *castelo*), essa «grande esfera final» «onde deixaram de caber rituais de guerra / mas apenas silêncio, paz, serenidade 7 e algumas ervas cheirosas».

Acrescento uma breve nota ao segundo segmento da primeira parte porque a temática da vida e da morte por ela perpassam ainda que de forma diferente ou não fosse riquíssimo o imaginário de Pires Cabral que se ajusta às palavras de Pierre Reverdy: «Quanto mais as relações entre as duas realidades forem longínquas e justas, mais a imagem será forte».

No poema “ALGUNS DOS MESES”, o sujeito poético avisa-nos de que «Janeiro não é de confiar». «Janeiro manda-nos a neve e a geada / para que brinquem connosco à cabra-cega / na esperança de nos ver, no ardor do jogo, / cair desamparados (...)». «Quem deu a Janeiro tais maquinações, / tão longo catálogo de fuses, / tão certa pontaria com que nos crava / na carne as facas e na alma / as maquinações?». Depois, diz o poeta, vem Abril que fecha os portões do Inverno, traz as primeiras flores do campo, põe em movimento as searas. Abril de luz da Primavera, Abril «chama por mim como / nenhuma outra voz».

A segunda parte de *caderneta de lembranças* termina com o sexteto de Novembro, o mês que traz até ao poeta a poesia que Mahler musicou de que destaco “Canções sobre a morte de crianças”, com o título escrito no original alemão, porventura para estar mais próximo do nome do bárbaro campo de concentração nazi onde tantas crianças foram assassinadas.

Novembro, e o poeta não o diz por acaso, antes pretende que o leitor note que Novembro começa com N, tal como «Náusea. Noite. Negação». Tudo o que o poeta não ama. (Lembramos o poema em que ele deixa a luz aberta toda a noite.) Ele ama a luz, a alegria, afirmação serena da natureza e a vida, ao contrário de Novembro que facilita a tarefa da morte.

A primeira parte de *caderneta de lembranças*, termina com um segmento intitulado “SAMARCANDA”, em que o tema da morte de novo aflora.

Diz o poeta que quem ama a vida não vai a Samarcanda «cidade em que a luz / facilmente se degrada em trevas» (o poeta sempre fiel a si mesmo!), cidade que não é mais do que a «*passerelle* da Senhora Morte» e «nos tapa o caminho de voltar a casa», porque a Morte «é mestra consumada a driblar / os que pensam driblá-la». Por isso, diria deixem Samarcanda para os *touristes* (os que andam à volta de) onde poderão «comprar tapeçarias / bordados, sedas, postais ilustrados, / sugestões de noites com Xerazade / por companhia / lufadas de vento do Corão» e ouçam a proclamação do poeta: «Mas que ninguém vá a Samarcanda / cuidando dessa forma protelar a Morte».

**3.** Atendendo à economia do espaço, ousa, numa síntese que é sempre empobrecedora, afirmar que a segunda, a terceira e quarta partes de *caderneta de lembranças*, que vai da “PIETÁ DE MOGADOURO”, “O CRAVELHO”, “O FAMOSO POIAL DE MIRANDA DO DOURO” (de implacável ironia), entra na terceira parte com “ANDORINHAS NO CHÃO” e “E UMA COTOVIA” e abre a quarta parte com “O HIPERICÃO E O POETA DE SERVIÇO”, seguido de “O LOUVA-A-

DEUS E A BORBOLETA” são uma visão diversificada e singular da múltipla paisagem transmontana, sem quaisquer ambições bucólicas, que me trouxeram à memória a fase do percurso poético de Rainer Maria Rilke em que o poeta sofreu a influência de Rodin, fase que precedeu a da produção das extraordinárias “ELEGIAS DE DUÍNO” e que o próprio poeta designou num poema como “obra de visão” (Werk Gesichts).

Paulo Quintela, ao referir-se a esta fase de produção rilkiana, considera que «estamos em face de uma poesia puramente objectiva, em que o poeta se transpõe completamente para dentro das coisas, nelas mergulha e com elas se identifica, para as exprimir imediatamente, como que iluminadas por dentro».

Cito Quintela, com a consciência clara das diferenças de construção poemática de Rilke e Pires Cabral e os recursos estilísticos por autores usados, mas com a honesta convicção de que as palavras de Paulo Quintela se aplicam também com justiça à substância poética de *caderneta de lembranças*.

**4.** A última parte de *caderneta de lembranças* – “Com um Demónio Dentro” –, a mais longa, a mais complexa e profunda, é composta por três segmentos. Esta parte, percorrida por uma forte corrente metafísica, talvez encontre no último título uma abertura para um dos seus parâmetros essenciais “SENTIMENTOS MISTURADOS” (escrevendo o título em português).

Esta quinta parte, que tem como exórdio a afirmação de Zaratustra “Deus morreu”, depois, negada, é entrelaçada ora por um mais explícito ora menos explícito diálogo múltiplo com Deus. O primeiro poema inclui-se na segunda hipótese, porque o poeta está mais voltado para não pôr em Deus «os devaneios do costume» e pô-los «em qualquer das coisas de somenos / que te passam ao lado». Estamos perante um poeta *underdog* que sabe que será sempre um perdedor naquele confronto. Ele o confessa «eu, nas nossas disputas / o *underdog*». Um poeta que, cansado da própria solidão, ambiciona uma colisão divina: «Senhor (...) / tudo o que desejo é colidir contigo. / Pode ser uma vez única, / mas essa vez tem de ser definitiva e grande. / E depois venha o que vier». Adiante acrescenta: «Senhor, (...)», depois da colisão, «manda alguém / recolher os destroços de mim. (...) E guarda-os contigo. / De preferência à tua mão direita». Este diálogo com Deus sofre de súbito perturbações. Diz o poeta: «Acho que nasci com um demónio dentro (...). Os poemas mais rascantes, / os mais provocatórios e imperdoáveis / (...) é ele, o meu demónio residente, / que mos dita e, à minha revelia / obriga a escrever». Porém, no poema “UM DEUS LATERAL”, o poeta não nega que «em momentos de aperto, / esqueço os agravos que te faço / e peço-te mansamente ajuda. (...) E nunca me esqueço de e agradecer». E de súbito surge-nos um poema em forma de oxímoro. «No dia em que houver uma palavra / saída da tua boca e / inequivocamente dirigida a mim – (...) –, nesse dia beberei meia garrafa de whisky (...) e os antídotos para os ataques de fé».

Como vimos mostrando, esta última parte de *caderneta de lembranças*, creio que a mais profunda parte do livro, está repleta de contradições e de afirmações agora peremptórias para logo revelarem um inegável grau de incerteza, como acontece na epígrafe de Rainier Maria Rilke, no poema “Uma Coisa é Deus”, que traduzo: «Eu ainda sou o mesmo, que ansioso, / às vezes te pergunto, quem és tu?». Dúvida que parece Pires Cabral não resolver: «Quanto mais liberto me sinto de ti / tanto mais os meus passos / me levam para ti». Tendo em conta o

conceito de isotopia de Greimas, ou seja a procura de um «conjunto redundante de categorias semânticas que torna possível a leitura uniforme», ou, como mais adiante acrescenta, a «resolução guiada da própria pela busca de uma leitura única», tal não a encontraremos no conjunto de poemas cujo tema é Deus. Mais acertado será considerar a existência de duas isotopias, uma em que a ideia de Deus ilumina a palavra poética e outra em que essa ideia é escotomizada.

Até que num dos mais belos poemas do livro – “LITIGANTE DE MÁ FÉ” –, o poeta murmura: (...) «toma bem nota, / porque só vou dizer isto uma vez: / Eu amo-te, ouviste?, amo-te muito».

Concluo a proposta de reescrita deste livro de uma profunda humanidade, convocando para minha ajuda Einstein que, ao ser interrogado sobre a sua crença em Deus, respondeu: «Acredito no Deus de Espinosa, que se revela por si mesmo na harmonia de tudo o que existe». É evidente que não podia deixar de aproveitar o auxílio de Espinosa e o pouco que nele há de Epicuro, porque são dois filósofos que perpassam pela poesia de Pires Cabral, principalmente o primeiro, esse grande desvelador da liberdade que, tal como o poeta, nunca se rendeu.

Fico-me por um pequeno excerto da mensagem de Deus, segundo Espinosa, por tão bem se adequar a *caderneta de lembranças*. Basta lembrar um dos complexos poemas que tem como personagens Nietzsche, o poeta e Zaratustra, o qual, instruído por Deus, no final de uma fala às massas, lhes diz: (...) «E mais: dispensa / cultos e orações e acha enjoativo o cheiro mole do incenso queimado». «Não frequentem esses templos lúgubres, obscuros e frios que os humanos construíram e acreditam ser a minha casa! A minha casa são as montanhas, os bosques, os rios, os lagos, as praias onde vivo e expresso o meu amor pelos humanos».

E termino com Eduardo Lourenço que escreveu um artigo no J.L. em que diz «Deus é uma não imagem, um silêncio», algo que para Pires Cabral é «um imbróglio do caraças», gerador de «intempestivos cortes de relações» que o poeta supera pelo coração, pelo sentimento: «Eu amo-te, ouviste?». Nesse amor fica a esperança de que o sujeito poético foi capaz de quebrar o silêncio de que Lourenço e ele próprio falam.

Exemplar modo de dar um fecho a um livro, fecho que vai do silêncio da poesia, que António Ramos Rosa considera «uma comunicação essencial com o desconhecido ou o indizível» ao inextricável silêncio de Deus.

Dezembro de 2022